

Após trinta anos da morte de João Guimarães Rosa, não surgiu ninguém que o substituísse à altura no terreno da prosa de ficção – e agora com um adicional, pois sua produção em verso começa a ser escoada. É esta a avaliação contida neste dossiê sobre a situação atual da literatura brasileira. Mais, não há ainda perspectiva, quanto à crítica, de que alguém substitua o escritor de Cordisburgo no cenário próximo. Ou seja, Guimarães Rosa deve fechar o século – e o milênio – como "o" autor nacional por excelência, espécie de ideal a ser atingido por todo aquele que se aventura, e se aventura, no terreno da prosa. Vamos explicar a concepção primeira deste dossiê, para que o leitor entenda o que se afirma acima. No último 19 de novembro completaram-se trinta anos de morte do escritor mineiro – três dias antes de sua morte, ele vestia o fardão da Academia Brasileira de Letras. A idéia original era fazer, para o leitor, um mapeamento seguro da situação contemporânea da literatura brasileira, tanto em prosa de ficção como em poesia (um quem-é-quem na literatura brasileira hoje). Para isso, convidamos nomes dos mais variados setores da crítica e da produção criativa. Como sempre nos pautamos, nenhuma vertente deveria ficar de fora, já que este é um ponto de honra editorial da revista. Trabalhávamos com a idéia de uma homenagem a Rosa, que serviria como pano de fundo para a compreensão da situação contemporânea – o que foi conseguido parcialmente. Parcialmente, pois dos dezoito textos que compõem este dossiê, nada menos que seis (os seis primeiros textos) tratam diretamente do autor de *Grande Sertão*. Ou seja, 33,3% dos artigos que chegaram à redação – afora os que o citam e trazem reflexões importantes sobre Rosa e sua obra. O mais interessante é que as novas abordagens, por mais elaboradas e consistentes que sejam (e são), estão longe de dar conta de toda a produção do autor do *Miguilim* – que, diga-se de passagem, está muito bem guardada para consultas e pesquisas nos arquivos do IEB-USP. Quer se queira ou não, Guimarães Rosa paira absoluto sobre o cenário das letras nacionais desde que saiu em 46 seu primeiro livro de contos, *Sagarana*, versão enxugada de *Sezão*, com o qual ele ficou com o segundo lugar no prêmio Humberto de Campos, concurso literário promovido pela editora José Olympio, em 1937. Se há controvérsia quanto a esta última observação, pode-se dizer que, tudo bem, então foi em 56, quando saíram *Corpo de Baile* e *Grande Sertão: Veredas*. De qualquer forma, de lá pra cá não teve pra mais ninguém, para o bem ou para o mal das letras brasileiras. A nosso ver, cumprimos a tarefa. Detetamos com alguma surpresa um estado de coisas que julgávamos pelo menos já relativizado. Inesperadamente, talvez seja essa a maior contribuição deste número da *Revista USP*.

FRANCISCO COSTA